

Alquimias Étlicas em Gaston Bachelard ¹

Ethylic Alchemies in Gaston Bachelard

Aurosa ALISON

Doutora em Filosofia pela Jean Moulin Lyon 3,
Professora na Università degli Studi di Napoli L'Orientale.
E-mail: aurosa.alison@me.com

RESUMO

O recebimento de uma substância íntima implica uma materialidade do profundo. O vinho, uma matéria-prima e não material, é aberto pela Filosofia do Imaginário de Gaston Bachelard. Uma cosmologia infinita começa pelas essências, os significados e os sentidos que pertencem aos arquétipos absolutos do interior. Dessas categorias, flui uma enorme classificação sobre a imaginação material e os devaneios (*rêveries*) materiais. O gosto e o sentido do vinho, na perspectiva bachelardiana, são experiências profundas e quase inconscientes. O inconsciente aparece já na cor, entre o vermelho sanguíneo e o líquido dourado; o inconsciente sustenta a alquimia modeladora do sentido. Uma alquimia que não busca a colheita da uva, mas que procura a sonolência do filósofo no brilho da matéria. Neste caso, a concepção do vinho está em uma perspectiva ontológica social que se desenvolve além de banquetes e simpósios. O encontro acontece na matéria íntima, em uma matéria implantada a partir do imaginário. O objeto social torna-se a voz de uma ontologia cósmica, desdobrada por uma dialética do material e do profundo. Nesta leitura, a Fenomenologia e a Metafísica do vinho são, ambas, produtos imaginários de uma visão teórica.

PALAVRAS-CHAVE: Metafísica do vinho, Alquimia vegetal, Intimidade material.

ABSTRACT:

The receipt of an intimate substance, implicates a materiality of the deep. The wine, a raw material and not material, is opened by the Philosophy of the Imaginary by Gaston Bachelard. An infinity cosmology begins by the essences, the meanings and the senses that belong to the absolutes archetypes of the inner. From this categories, flows a huge classification about the material imagination and material reveries.

¹ Traduzido por Gabriel Kafure da Rocha, Doutorado em Filosofia pela UFRN, Bolsista Produtividade FACEPE 2024-2026, Docente Permanente do PPGFIL UECE e do PROF-FILO IFSertãoPE. E-mail: gkafure@gmail.com

The Wine taste and sense, in the bachelardian perspective, are deep and nearly unconscious experiences. The unconscious appears in the color yet, between the bloody red and golden liquid, the unconscious supports the shaping alchemy of the sense. An alchemy, that isn't looking for the grape harvest but that is seeking about the philosopher drowsiness in the matter blaze. In this case, the wine conception is in a social ontological perspective that she develops beyond banquets and symposiums. The meeting happens in the intimate material, in a deployed material from the imaginary . The social object becomes the voice of a cosmic ontology, unfolded by a dialectic of the material and the deep. In this lecture, the wine Phenomenology and Metaphysic are both, imaginary products of a theoretic vision.

KEYWORDS: Metaphysics of wine, Vegetable alchemy, Material intimacy.

Introdução

"A vontade de olhar para o interior das coisas torna a visão perspicaz, a visão penetrante."

Gaston Bachelard

"Tudo está no vinho para aqueles que têm a capacidade de revelar seus segredos."

Barry C. Smith

Introduzir as categorias do imaginário dentro de contextos cognitivos prevê posicionar o elemento a ser analisado dentro de uma realidade, ao mesmo tempo objetivada e sensorial. Definido por Gaston Bachelard como *la belle matière* (a bela matéria), o vinho é o elemento por excelência. Ele, em sua própria materialidade, além de pertencer a uma imensidão simbólica, resume os conceitos básicos do conhecimento e da experiência, adequados para discernir suas credenciais e, sobretudo, suas potencialidades. Da raiz aos vários tipos de degustação, o vinho, através de uma escalada fenomenológica, vale-se de todas as faculdades que ajudam a implantar devaneios íntimos e materiais, imagens coletivas e comuns, significados sociais e primordiais. Utilizaremos como vetor o conceito de imaginação material (G. Bachelard, 1942), que nos direcionará a uma consideração do vinho como um produto não só da terra, mas também do fogo e do ar, dentro de uma alquimia da realidade.

1. Pré-degustação

A abordagem ao elemento vinho é sensível, como, de resto, todas as relações que ligam o sujeito ao elemento. Saboreando-o, testa-se, reconhece-se, julga-se. A do vinho é uma experiência totalizante, ou seja, envolve todos os sentidos. Do olfato ao aspecto, até ao seu paladar, este elemento oferece a possibilidade de ter uma experiência cotidiana que Barry C. Smith (2007) afirma poder ser considerada objetiva.

As grandes questões que elevaram o vinho a considerações estéticas permitiram avaliar a ação da degustação como um sentir coletivo e, por que não, compartilhado. Considerando o vinho um objeto social (Ferraris, 2007)²³, o ato de degustá-lo não está apenas correlacionado ao nosso sentido do paladar, mas, reitera Smith, representa uma experiência multimodal. Uma experiência em que todos os sentidos concorrem e onde, para conhecer mais de um, o grau de objetividade aumenta de acordo com o sentido. O sabor, embora não sendo acessível por sentidos diferentes, identifica-se na sua multiplicidade, tornando-se mais intenso graças à sua interação. A objetividade da degustação emerge graças a uma constância perceptiva. Este discurso, portanto, confirma-se ao interpretar a degustação como uma técnica, com seus próprios tempos e cânones.

Existe, portanto, uma degustação objetiva que permite conhecer o sentido ou o sabor através de um compartilhamento. Não por acaso, os degustadores classificados por Perullo (2006) dividem a tarefa: os prescritivistas nutrem uma grande confiança no senso comum; os descritivistas, permanecendo ancorados a uma subjetividade, supõem a avaliação sensorial como uma estratificação de elementos qualitativos com pressupostos intersubjetivos não mensuráveis. A fruição impõe uma avaliação, e a do vinho empreende o caminho do conhecimento. O prazer de um bom sabor pode, certamente, ser confundido com a minha opinião, mas, para ser compartilhado, deve valer-se de características organolépticas⁴ quantificadas em regras.

² Ferraris concebe os objetos sociais, como aqueles objetos que existem no espaço e no tempo, dependendo dos assuntos

³ N.T - A autora cita Ferraris para definir o vinho como tal tipo de objeto. Diferentemente de um objeto natural (uma pedra), um objeto social existe porque há uma convenção humana e atos registrados (rituais, leis, rótulos) que lhe dão existência no mundo social.

⁴ N.T – Para Bachelard, o paladar interage com uma memória material, sendo assim, as características organolépticas funcionam como "hormônios da imaginação". Não são apenas dados brutos; são vetores que lançam o sujeito em um devancio (*rêverie*) sobre a origem natural e a essência da substância

Na pergunta: "O que podemos provar em um vinho?", Smith (2007) analisa o que é degustado, independentemente de quem o degusta. Antes de tudo, deveríamos partir da pergunta sobre o que estamos degustando.

A sensação gustativa é imediatamente percebida, mas não pode ser transmitida a outra pessoa, já que não é possível capturar as qualidades da sensação apenas através das palavras. Por outro lado, encontramos a posição segundo a qual, com certo exercício, é possível perceber e descrever uma quantidade notável de características de um vinho.

As qualidades de um vinho certamente aumentam com a competência adotada na experiência e no conhecimento das matérias-primas, como a terra ou, melhor, o *terroir*. Certamente, portanto, para obter uma determinada objetividade para o conhecimento do vinho, é necessário entender quais critérios compartilhar. O degustador profissional atribui ao seu próprio sentido uma determinada objetividade que preclui uma determinada experiência. O sentido arrebatado no imediato; na repetição, por outro lado, mói o conhecimento. As sensações, neste caso, podem certamente informar-nos da realidade.

Outra pergunta que Smith (2007) faz é: "O que degustamos no vinho? O sabor?". "O que se descobre pelas impressões que o vinho sugere?".

Nossas impressões derivam da visão, do olfato e do tato. Mas elas também dependem de sensações relativas à temperatura e derivadas da imaginação.

O espaço multidimensional e plurissensorial que o elemento vinho oferece, portanto, é alcançável não apenas através de um sentido subjetivo que pode se desdobrar através de uma convenção compartilhada, mas também se desenvolve através da imaginação. Uma imaginação apresentada por Smith, poder-se-ia ousar dizer, como intermodal e pré-categorial. A experiência multimodal vale-se da faculdade imaginativa que recorre a uma regulação. Uma faculdade, a da imaginação, que precede o sentido, como nos efeitos perceptivos intermodais.

2. *Imago Materiae*

Uma tipologia de imaginação pré-categorial e, em certos aspectos, transcendental, é a *imagination matérielle* (imaginação material), cunhada por Gaston Bachelard em 1942 por ocasião do lançamento do segundo volume dedicado a um dos quatro elementos da natureza, *L'Eau et les Rêves – Essai sur l'imagination de la matière*. A imaginação para Bachelard está estreitamente ligada à matéria; é a própria imagem que se concretiza no contato direto com a matéria. Os elementos materiais são para Bachelard *les hormones de*

l'imagination (os hormônios da imaginação)⁵, vetores de um imaginário ligado a uma origem natural. Neste contexto, a imaginação material é uma verdadeira função para viver a realidade através das suas imagens, onde os detonadores são os elementos.

Em seu trabalho epistemológico e metafísico, Bachelard concentra-se nos elementos primordiais, como o fogo, o ar, a terra e a água, mas não exclui todos aqueles elementos "puros" que estão incluídos no reino natural, vegetal, animal, para depois se reunirem a um caráter universal da realidade. Nos dois volumes dedicados ao elemento terra, *La Terre et les rêveries de la volonté* e *La Terre et les rêveries du repos*, respectivamente de 1948 e 1949, Bachelard considera a ambiguidade deste elemento, primeiro como força de vontade, depois como morada do repouso e da intimidade. Considerada como a intimidade das substâncias, a terra apresenta-se como um interesse interior das coisas, na qual, além de encontrar refúgio, encontra-se o enraizamento. A intimidade dá a possibilidade ao homem de satisfazer as suas próprias profundezas e os aspectos mais recônditos do espírito; ao mesmo tempo, permite possuir as prerrogativas para uma *rêverie* da matéria, nascida da própria terra. No capítulo *Les Rêveries de l'intimité matérielle* (Bachelard, 1949), Bachelard considera a atividade criativa das imagens da intimidade uma atividade puramente transcendental.

2.1 O Cofre

Antes de abordar o discurso e a esquematização da imaginação material em relação ao elemento vinho, é bom fazer algumas considerações sobre o conceito de intimidade como perspectiva do profundo e do conhecimento. A intimidade material é a vontade de cada sujeito de querer olhar para dentro das coisas; não se trata, portanto, de uma imaginação que espera o efeito deslumbrante, mas de uma curiosidade, como sustenta Bachelard, um tanto agressiva. O conhecimento da matéria é atraído pelo desejo de entrar em relação com a realidade e, portanto, com as suas substâncias. Neste caso, a vontade de ir ao fundo da matéria pressupõe uma "perspectiva do oculto" (*une perspective du caché*).⁶

⁵ N.T – Apesar da autora não deixar explícito, esse conceito se encontra em *O ar e os sonhos* “*não estamos em erro, acreditamos, ao caracterizar os quatro elementos como hormônios da imaginação. Eles põe em ação grupos de imagens. Ajudam a assimilação íntima do real disperso em suas formas. Por eles se efetuam as grandes sínteses que dão características um pouco regulares ao imaginário*” ou no original “*Nous n'avons donc pas tort, croyons-nous, de caractériser les quatre éléments comme les hormones de l'imagination. Ils mettent en action des groupes d'images. Ils aident à l'assimilation intime du réel dispersé dans ses formes. Par eux s'effectuent les grandes synthèses qui donnent des caractères un peu réguliers à l'imaginaire.*” (Bachelard, 1949).

⁶ N.T - Refere-se à ideia bachelardiana de que a verdadeira riqueza da matéria não está no que ela mostra, mas no que ela esconde em seu interior ("o cofre"). A curiosidade "agressiva" mencionada é o desejo do filósofo de "abrir" a matéria para entender sua essência. Pode haver aí uma certa correlação com o conceito de técnica para Heidegger, no sentido no qual a *Gestell* extrai a essência da matéria para transformá-la em utilidade.

Neste ponto, vale a pena fazer uma reflexão sobre um novo Simpósio que está em curso, no qual, porém, não estão presentes aquelas características dialéticas fundamentais que tornam este rito altamente enganoso. O Simpósio dos gregos era exclusivo, dele só podiam participar homens de uma determinada classe social; era um tributo a Baco que ilustrava a capacidade do vinho, se usado corretamente, de situar o amor (Scruton, 2007). O conceito de amor introduzido por Scruton desenha o vínculo que se nutre pela terra como pela natureza, um amor baseado na contínua consideração do elemento e das suas propriedades substanciais. Através dos devaneios da intimidade material, podemos discernir o vinho de um ponto de vista elementar, tal como se apresenta no reino vegetal, como, por exemplo, a localização da sua origem na raiz e da sua expressão mais florida, a da vinha. Falar de vinho significa tratar do elemento primordial.

Voltando às perspectivas induzidas pelas profundezas, Bachelard (1949) classifica quatro: a perspectiva anulada, a perspectiva dialética, a perspectiva maravilhada e a perspectiva de intensidade substancial infinita.

Na perspectiva anulada, a profundidade das coisas é uma ilusão; o "véu de Maia" cobre todo o universo, o universo é um véu. O pensamento, como o sonho, recebe apenas as imagens superficiais das coisas e apenas a forma exterior dos objetos.

Para conhecer, deve-se ir à profundidade das coisas, até chegar às moléculas e aos átomos. Certamente a formação científica de Bachelard está presente na consideração do filósofo de um conhecimento da realidade quase microscópico. Ele acrescenta, porém, o dom da *rêverie* e da imaginação a uma consideração da realidade vista ao microscópio. *"Todo conhecimento da intimidade das coisas é imediatamente um poema"*.

A vida das intimidades, segundo Bachelard, é um viver dentro das coisas. A imaginação minuciosa quer entrar em todos os lugares. Passando à segunda, *na perspectiva dialética, encontram-se contradições geométricas exaltantes. Ou seja, a forma ambígua de todas as coisas revela o instinto do conhecimento.* A dialética, de fato, é a forma dinâmica da imaginação material, da qual se vale a sua forma de conhecimento em relação ao elemento substancial. A Natureza apresenta-se em toda a sua beleza através da modalidade da imaginação. O vinho, como veremos a seguir, é uma verdadeira descoberta dentro do seu elemento, que é a terra. *Na perspectiva maravilhada, descobre-se a intimidade das substâncias; se descubro uma escultura na intimidade da pedra e do mineral, redescubro-a como uma estátua natural, ou mesmo uma gruta e uma caverna.* Passando à última, a quarta perspectiva é um outro tipo de intimidade material que multiplica e amplia todos os detalhes de uma estrutura. *A intimidade descoberta é como um poder misterioso que desce como um processo sem limites no infinitamente pequeno da substância. A*

imagem material adquire valor imediatamente no momento em que é descoberta e não se manifesta independentemente do nosso grau de busca na sua intimidade.

A perspectiva do oculto, desta forma, pode abrir uma porta para o conhecimento de uma matéria como a do vinho, através de suas moléculas, seus *terroirs*, suas histórias e sua substância, desta vez não fruída, mas imaginada. Retomando as características da degustação, Smith reelabora uma descrição de Hugh Johnson em *A Life Uncorked*, e ao caráter da imaginação acrescenta-se o da memória:

"O vinho possui as suas próprias memórias: as do terreno rochoso onde a videira se desenvolveu, do muro de pedra que a protegeu do sol, da geada de maio que reduziu o número de brotos, do sol, das chuvas frias." (Johnson, 2006). O vinho é o produto da sua história, e é interessante, antes de degustá-lo, tomar conhecimento da sua história de um ponto de vista material.

3. A verticalidade do conhecimento

O conhecimento do vinho é qualificável através da técnica da degustação; seja ela objetiva ou subjetiva, desenvolve-se através de determinados cânones e complementaridades. Querendo contextualizar o elemento vinho no Imaginário contemporâneo, é possível retomar as normas a seguir na técnica da degustação vertical⁷, através dos modos de conhecimento do imaginário, da imaginação material e das imagens verticais na Estética bachelardiana. Provando um vinho, prova-se a história da terra que o produziu; a degustação vertical é comparável a um eixo que envolve o mesmo território dentro da evolução temporal da natureza. Os *terroirs*, embora no mesmo lugar, mudam de ano para ano de acordo com as atmosferas, as temperaturas e, por que não, os movimentos astrais. A degustação vertical invalida um conhecimento por excelência do vinho. Reportando este discurso à memória, o vinho é um elemento que se substancializa e se fortalece através dela e, como sustenta Perullo (2006) sobre o desenvolvimento elementar do vinho, não existe vinho que não tenha sofrido mudanças ao longo dos anos, adquirindo valor.

Nisso, diferencia-se tanto de outros alimentos conservados quanto das obras de arte, aproximando-se antes do ciclo vital humano e animal: conservação na mudança.

⁷ N.T - No mundo dos vinhos, refere-se a provar o mesmo rótulo de diferentes safras. A autora utiliza este termo técnico para criar uma metáfora com a "verticalidade" bachelardiana — a ideia de que o espírito humano busca a ascensão (como a chama) ou a profundidade (como a raiz).

O conceito de mudança é sinônimo de enriquecimento e, assim como a terra se enriquece graças ao ar que a oxigena e à água que a nutre, assim o vinho, através de uma simbiose no reino vegetal, cresce ou envelhece. O conhecimento das imagens verticais ou verticalizantes na filosofia de Gaston Bachelard ajuda a ir mais fundo; o ar e o fogo são os elementos que verticalizam a realidade e projetam sobre ela imagens retas. *"Todos os objetos retos designam um zênite. Uma forma reta lança-se e transporta-nos na sua verticalidade"*. *"Vivendo no zênite do objeto reto, acumulando os devaneios de verticalidade, conhecemos uma transcendência do ser"* (Bachelard, 1961).

Bachelard retoma frequentemente o conceito de verticalidade como um aspecto transcendental da realidade, sustentando que ela é uma sublimação da própria posição do homem no espaço e, portanto, também no tempo (Bachelard, 1957). A chama tende à verticalidade, como o espírito para uma purificação. O álcool de Bachelard (1938) em *A Psicanálise do Fogo* é um álcool ascensional, pronto para denotar a realidade através de um conhecimento objetivo. *L'eau qui flambe* (a água que arde) é o álcool que, com a sua evaporação, evoca uma resolução da matéria pesada em direção ao alto. O conhecimento vertical é levado, portanto, a ir à profundidade do ser, assim como a degustação vertical é levada a ir à profundidade do elemento vinho e a conhecê-lo objetiva e materialmente.

3.1 A Raiz é vertical

Nesta apoteose da verticalidade, a raiz é a passagem exata entre a terra e o céu; encontra-se nos limites dos dois mundos, animando-se de substancialismos paradoxais que lhe permitem levar, com *les sucs de la terre* (os sulcos da terra), sustento ao céu e ao mundo dos não vivos. *"As folhagens-raízes que bebem ávidas no céu e nas raízes maravilhosas ramagens que vibram de prazer sob a terra"* (Bachelard, 1949).

Da forma de pertença ao seu desenvolvimento, ela representa as imagens do conhecimento. Os valores dramáticos da raiz condensam-se numa única contradição: a raiz é uma morte viva; numa ciclicidade sem tempo, cada poda corresponde ao seu renascimento. A raiz permite que a vinha estabeleça a sua própria realidade na terra, dando vida aos seus frutos e crescendo ao longo de um eixo entre a terra e o céu. Retorcida, às vezes sobre si mesma, uma árvore misteriosa, é uma árvore subterrânea, é uma árvore invertida sobre si mesma e remete a todos os valores intimistas que denotam a profundidade.

"Viver como uma árvore! Que crescimento! Que profundidade! Que retidão! Que verdade!" (Bachelard, 1943). A valorização da raiz está no seu ser medicamentoso, nutritivo, vida e morte juntas. O vinho é o produto de um dinamismo vertical que, do subsolo, chega ao mundo vegetal, passando pelo reino subterrâneo das profundezas transcendentais. Ele se vale de um dinamismo interior que torna plausível a aproximação

a ele para um conhecimento do real. A imagem da raiz prolonga a sua misteriosa estadia até aos lugares infernais, uma corrente que se reúne ao reino dos mortos. A dialética da vida e da morte reside na raiz, uma árvore que encontra a sua própria localização sem esperar para ser enterrada; ela continua a enterrar-se autonomamente, tornando a floresta o mais antigo dos cemitérios. A cosmologia da raiz reanima o conceito de enraizamento à vida e à própria descendência, um eterno apelo às próprias identidades. Assim como o vinho que, através dos *terroirs*, das nuances sazonais e das mortes sazonais, adota uma linha que percorre o tempo, mas nunca da mesma forma. A raiz dá vida a si mesma e ao que a rodeia no reino natural; a vinha, como o vinho, são seus produtos ligados à relação entre os elementos materiais; terra, água e ar compreendem o crescimento dos fatores fundamentais que serão degustados de ano para ano.

4. A Vinha das "belles matières"

No mundo material, a alquimia é uma fonte de inspiração para quem manipula o imaginário do elemento; é direcionada a uma visão de mundo e coloca o sujeito em relação com um universo em ação na profundidade da mínima substância. A alquimia é a arte de saber manipular a matéria.

Uma matéria primária, pura e livre de contaminações. Bachelard (1949) as introduz no último capítulo de *La Terre et les rêveries du repos* como um quadro destinado a decifrar as matérias-primas. As "belas matérias" (*les belles matières*) para Bachelard são o ouro, o mercúrio, o mel, o pão, o óleo, o vinho. Todas pertencem a realidades decomponíveis em imagens e recomponíveis através dos seus imaginários. A bela matéria ensina-nos a unidade e a pregnância onde a Natureza é levada a sonhar e a transcender para além dela. A Natureza sonha através da degustação ou talvez a degustação transcenda a natureza através do sonho.

A embriaguez é sempre sinônimo da perda dos sentidos, aqueles de que precisamos para reconhecê-la. Ousaria dizer que a embriaguez então readquire os sentidos, em vez de perdê-los, para vir a conhecer a matéria que se está usufruindo. O vinho é produzido em uma *vigne alchimique* (vinha alquímica), onde é forte a experiência do vegetal, quase transformando esta experiência em uma fenomenologia totalizante que produz o vinho, por sua vez, fenomenologicamente totalizante. De um Muscadet dourado a um Chasselas, o reino da terra transforma-se em pedra e então Bachelard não deixa de associar estes dois vinhos a duas pedras, o rubi e a ônix: "*A vinha fará tão sinceramente uma uva e um rubi, muscadets dourados ou chasselas de crisópraso*" (Bachelard, 1949).

A alquimia desenvolve-se naturalmente através das imagens do reino da vinha e dos seus frequentadores. O vinho para Bachelard é um *corps vivant* (corpo vivo), onde se equilibram os espíritos

mais diversos, dos ponderados aos violentos, ligando-se à conjunção entre céu e terra. Como se pode notar, o imaginário permite realizar não só associações de ideias, mas também, como neste caso, de imagens. A vinha alquímica absorve as energias do tempo que muda, tira energia da lua, do sol, das estrelas, e é um verdadeiro vinho que apela para o mais sensível dos horóscopos. A energia que investe a vinha é capaz de humanizá-la; a vinha, com o estrondo do trovão, mudará de cor. Uma nova energia investirá o vinho e será a figura do *vigner* (viticultor) a degustá-lo. Mesmo que haja o rótulo para lembrar o que é aquele vinho, de onde vem e de quantos graus alcoólicos é composto, haverá sempre a figura do *vigner* que medita todo o ano sobre os sinais do vinho, como os de um cometa que por acaso cai do céu sobre a terra.

Introduzindo o conceito material do vinho, Bachelard introduz o de uma alquimia vegetal, evocando-a como uma espécie de sinergia cosmológica, distinguindo três reinos: o mineral, o vegetal e o animal. Cada reino terá um seu soberano: o ouro, o rei dos metais; o leão, o dos animais; e a vinha será a rainha do mundo vegetal. Cada mundo terá um líquido que o distingue: no mundo mineral o mercúrio, no animal o sangue, no vegetal o vinho, relido por muitos poetas como o sangue vegetal com as mesmas características do sangue animal, como o princípio de força, de duração e a lei de raça. Assim, o vinho distingue-se pelos lugares, pela tipologia de terreno e pelo seu enraizamento. "*Dir-se-á igualmente: o vinho é o sangue da vinha ou o sangue é o vinho animal. Entre os reinos extremos, entre os líquidos extremos de alta nobreza, entre o ouro potável e o sangue, é o vinho que é o intermediário natural*" (Bachelard, 1949).

O vinho é um médium não só entre a terra e o céu, mas também entre os vários reinos da alquimia; ele é o veículo entre os líquidos de *haute noblesse*, entre o ouro e o sangue; ele materializa uma cosmologia de caráter universal. O vinho, portanto, tem uma função cósmica, onde a distância entre o homem e o ouro é maior do que a entre o homem e o vinho. Uma substância natural e profunda, um grande bem da terra e um arquétipo do mundo da matéria, o vinho pode ser delicado ou forte, mas sempre puro, assumindo, como matéria, caracteres dialéticos.⁸

4.1 Dialéticas alquímicas

"No coração da tina, de venoso ele se tornará arterial, claro, vivo, corrente, pronto para renovar o coração do homem. É verdadeiramente uma substância hierarquizada que está segura dos benefícios" (Bachelard, 1949).

⁸ Bachelard, em *Terra e devaneios do repouso*, dedica parte da obra ao profundo discernimento da matéria da terra e de todos os produtos que crescem graças a ela. O vinho implica uma alquimia, ou seja, o encontro de materiais elementares, dando vida a uma cosmologia infinita.

No coração dos tanques de fermentação, o vinho transforma-se, muda as suas características e deixa-se investir substancialmente pelo tempo. Ao envelhecer, renova-se, evocando assim a sua origem, a da vinha, que ao transformar-se morre e renasce. O vinho encerra uma espécie de espiral do retorno, dentro da qual esta substância consegue capturar o imediato. Dentro do vinho correspondem as duas fases imprescindíveis do conhecimento, graças a uma prerrogativa cósmica.

A medicina alquímica quer muitas vezes fazer corresponder o vinho a um órgão, ou a cor do vinho a diagnósticos precisos; as cores do vinho, do branco ouro ao vermelho sangue, são todos fenômenos estéticos que rodeiam a aura transcendental deste elemento. Bachelard, tratando a alquimia dialética do vinho, volta à descrição da terra, desta vez de forma puramente estética, apelidando as costas do Mediterrâneo como o reino dionisiaco.

“Nas costas do sul, onde as uvas são pesadas, o vinho tinto verdadeiramente faz fronteira com o Mar Mediterrâneo, o grande Reino do Meio do reinado dionisiaco. Esmagados pela cultura clássica, esquecemos o dionisiaco da vivacidade, o dionisiaco do vinho branco; não sonhamos com vinhos mais matizados, vinhos que individualizam as encostas.” (Bachelard, 1949)

Voltamos assim às origens, e não às ancestrais, mas sim às reais, onde uma *kermesse* de comidas e vinhos faz parte do nosso cotidiano. Bachelard volta à mesa e oferece-nos um bom vinho branco, adequado para ficar entre o sério e o facetado, sem sentir a necessidade de empenhar a mente para compreender a sua *douce ivresse* (doce embriaguez). Os vinhos de Bachelard são os da sua terra natal, Barsur-Aube, na zona rural de Ardenne.

“São claros e fulvos, sutis, delicados, gulosos e de um gosto muito agradável ao paladar, aproximando-se da framboesa.” (Bachelard, 1949).

A intimidade é a forma através da qual se compreende a profundidade dos elementos; com calma e devoção, aborda-se uma história atemporal apreciando todas as suas nuances. A viagem no vinho imaginário de Gaston Bachelard vai além do real; presta homenagem ao reino que o guarda, às caves subterrâneas, grutas artificiais que o deixam repousar, aos tanques de fermentação (tinhas) que o acolhem após a vindima, até chegar, sob a terra, às raízes que lhe dão o nascimento.

5. O Retorno

Bachelard, em *La Terre et les rêveries du repos*, consagra parte da obra ao discernimento profundo da matéria da terra e de todos os produtos que crescem graças a ela. O vinho implica uma alquimia, ou seja, o encontro das matérias elementares, dando vida a uma cosmologia infinita. O conhecimento do vinho,

além de ajudar o bebedor a apreciar as suas características formais, pode estender-se até ao fundo, seguindo uma verticalidade das profundezas. Antes de erguer os cálices, valeria a pena afundar as mãos na terra, sentir o seu perfume, a consistência, a suavidade. Todas as características dos *terroirs* encontrar-se-ão no vinho e vice-versa. O suco da terra, como o sangue vegetal, retoma todos os significados mais recônditos da relação com o reino natural. Uma relação próxima, nos gestos e no convívio, no rito e na mitificação. O retorno é ao primórdio, ao próprio profundo e ao próprio sentir, simultaneamente à universalização de todos aqueles caracteres falsamente solipsistas que distinguem preconceitos errôneos. O vinho é um detonador universal, imbuído de simbologias das mais naturais às mais sonhadas; traz infinitas mensagens, infinitas trocas e palavras verdadeiras. *"O vinho é verdadeiramente um universal que sabe tornar-se singular se encontrar, contudo, um filósofo que saiba bebê-lo"* (Bachelard, 1949).

Bibliografia

- BACHELARD, Gaston. **L'Eau et les Rêves**: essai sur l'imagination de la matière. Paris: José Corti, 1942.
- BACHELARD, Gaston. **L'Air et les Songes**: essai sur l'imagination du mouvement. Paris: José Corti, 1943.
- BACHELARD, Gaston. **La Psychanalyse du feu**. Paris: Editions Gallimard, 1947.
- BACHELARD, Gaston. **La Terre et les Rêveries de la volonté**. Paris: José Corti, 1948.
- BACHELARD, Gaston. **La Terre et les Rêveries du repos**. Paris: José Corti, 1949.
- BACHELARD, Gaston. **La Poétique de l'espace**. Paris: PUF, 1957.
- BACHELARD, Gaston. **La Flamme d'une chandelle**. Paris: PUF, 1961.
- BONICALZI, F. **Gli Spazi poetici**: Bachelard versus Heidegger. Genova: Il Melangolo, 2006. (Bachelardiana).
- BONICALZI, F. **Leggere Bachelard**: le ragioni del sapere. Milano: Jaca Book, 2007.
- DURAND, G. **Les structures anthropologiques de l'Imaginaire**. Grenoble: Allier, 1960.
- FERRARIS, Maurizio. **Estetica**. Torino: Utet, 1996.
- FERRARIS, Maurizio. **Ontologia**. Napoli: Guida, 2003.
- FERRARIS, Maurizio. **Storia dell'Ontologia**. Milano: Bompiani, 2008.

- FERRARIS, Maurizio. **Documentalità**: perché è necessario lasciar tracce. Roma-Bari: Laterza, 2009.
- JOHNSON, Hugh. **Life uncorked**. London: Weidenfeld & Nicolson, 2006.
- PERULLO, Nicola. **Per un'estetica del cibo**. Palermo: Aestetica Preprint, 2006.
- PERULLO, Nicola. **L'altro gusto**: saggi di estetica gastronomica. Pisa: ETS, 2008.
- PERULLO, Nicola. **Il gusto come esperienza**. Roma: Meltemi Editore, 2010.
- SCRUTON, Roger. **I drink therefore I am**: a philosopher's guide to wine. London: Continuum, 2009.
- SERRES, Michel. **Les Cinq sens**. Paris: Grasset, 1985.
- SMITH, Barry C. **Questions of taste**: the philosophy of wine. Oxford: Signal Books Limited, 2007.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques. **L'Imagination**. Paris: PUF, 1991.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques. **L'Imaginaire**. Paris: PUF, 2003.



ALISON, Aurosa. Alquimias Etílicas em Gaston Bachelard. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.23, n.1, 2026, eK26021, p. 01-13.

Received: 03/2026

Approved: 04/2026